Do lockdown à ação comunitária: Petunia Ntombifuthi Mabuza e a campanha Asivikelane em Phomolong, Tshwane, África do Sul

Priscila Izar*

Petunia Ntombifuthi Mabuza**

Nesta entrevista, Petunia Ntombifuthi Mabuza, moradora e liderança comunitária em Phomolong, Tshwane, e facilitadora comunitária da campanha Asivikelane, conversou com Priscila Izar, do Centro de Estudos de Urbanismo e Ambiente Construído (Centre for Urbanism and Built Environment Studies - CUBES) e Departamento de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Witwatersrand (Wits), África do Sul, sobre sua experiência durante a pandemia de COVID-19 e posteriormente.

Priscila Izar e Petunia Ntombifuthi Mabuza trabalham juntas desde 2022, no âmbito da pesquisa de pós-doutorado de Priscila na Universidade Wits. Construído em parceria com moradores e lideranças locais, o trabalho investiga o ativismo e as lutas das mulheres em territórios periféricos de cidades africanas em perspectiva feminista, com base em experiências em Tshwane, África do Sul, e Dar es Salaam, Tanzânia (Izar, 2025). Elas também colaboram em projetos coletivos financiados pela Urban Studies Foundation (USF) e pela Volvo Research and Educational Foundations (VREF) (Izar et al., 2025; Rubin et al., 2025).

Phomolong é um assentamento informal com população estimada entre 10 e 15 mil pessoas, próximo à township Mamelodi, no leste da cidade de Tshwane, A Asivikelane é uma coalizão de organizações não governamentais que trabalham em parceria com moradores de assentamentos informais para melhorar a prestação de serviços básicos em suas comunidades em toda a África do Sul (https://asivikelane.org/). Projetos e iniciativas da Asivikelane em Phomolong se desenvolvem por meio do engajamento de voluntários e facilitadores da comunidade, coordenados por Petúnia, e de organizações como a Planact (https://www.planact.org.za/) e a Tshwane Leadership Foundation - TLF (https://tlf.org.za/)

Priscila Izar: Obrigada por esta entrevista, Petunia. Por favor, conte-me um pouco sobre você.

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Meu nome é Petunia Ntombifuthi Mabuza. Tenho 45 anos. Sou mãe solo, ativista comunitária e facilitadora comunitária da Asivikelane. Minha comunidade se chama Phomolong. Phomolong é muito grande e é dividida em seções: há a seção A, seção B, seção C e os barracos da C. A seção A foi formalizada desde 2017. A Cidade de Tshwane instalou rede

DOI: https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1457

* University of Witwatersrand; ** PlanAct

de esgoto e eletricidade lá, mas o trabalho ainda não foi concluído. Muitas pessoas ainda não têm água em casa, tampouco banheiros. Na seção A, a prefeitura fornece banheiros químicos, já que ainda não há rede permanente de água e esgoto. Mas nas outras partes de Phomolong não há serviços, porque essas áreas ainda não foram formalizadas.

Coordeno cerca de 200 voluntários que trabalham com saneamento em Phomolong. Comecei esse tipo de trabalho em 2019, pouco antes da Covid. Durante a pandemia, trabalhamos ainda mais para melhorar nossa situação, que era muito ruim. Primeiro, trabalhamos com água e banheiros químicos. Agora estamos atuando na gestão de resíduos. Hoje limpamos o bairro e construímos hortas e jardins. Também trabalhamos com segurança. Esses são projetos que ajudei a criar porque vi que havia grandes lacunas na comunidade.

Priscila Izar: Como você começou esse tipo de trabalho?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Mudei-me para Phomolong em 2003 com minha mãe. Viemos de Mpumalanga. Minha mãe procurava emprego em Tshwane, e eu queria estudar teatro. Fomos para Phomolong porque lá a gente podia morar num barraco, sem pagar aluguel. Alguns anos depois, minha mãe voltou para Mpumalanga, mas eu fiquei. Morei em Phomolong até 2023, depois me mudei para a Seção 6 de Mamelodi, um local próximo que possui infraestrutura básica e serviços. Eu estava cansada de viver em Phomolong. Quando chovia, passávamos a noite acordadas porque a casa podia encher de água. Mas não parei de trabalhar em Phomolong, continuo atuando lá, como antes.

Quando meu primeiro filho nasceu, eu trabalhava e tentava seguir na atuação, mas não deu certo. Decidi fazer outra coisa e fui trabalhar no Centro Comunitário Stanza Bopape. Lá aprendi sobre trabalho comunitário e me apaixonei. Depois fui para a organização Asikhulume, que me indicou para a Planact.

Em 2019, participei do EPWP [Programa de Expansão de Trabalhos Públicos], onde limpávamos ruas e fazíamos outros serviços. Quando começou a pandemia, todos tiveram que ficar em casa. Voltei para a casa da minha mãe em Mpumalanga, mas depois fomos chamadas de volta para limpar ruas, pois era considerado trabalho essencial durante a pandemia de COVID-19. Nós éramos essenciais.

Por causa da COVID, ninguém estava vindo para os nossos bairros. Phomolong parecia uma cidade fantasma, ninguém vinha falar conosco. E a condição dos banheiros químicos era muito ruim. As unidades estavam sujas. Alguns dos banheiros eram feitos de um material plástico que ficava muito quente, então as pessoas sentiam como se estivessem sufocando.

Então a Planact me ligou e perguntou se eu queria trabalhar com eles, e eu disse, claro, eu posso trabalhar com vocês. [Na época, a Planact estava envolvida na construção da Asivikelane, em parceria com outras organizações. Nos territórios, a campanha foi implementada com base no trabalho de facilitadores comunitários, como Petúnia, e de moradores/voluntários.] Quando me juntei à Planact e Asivikelane, eles me pediram para verificar se havia água na nossa comunidade e se os banheiros estavam sendo limpos. Formamos um grupo de voluntários e começamos a tirar fotos dos banheiros e de todos os problemas que víamos no bairro. Recebíamos um pequeno valor para comprar dados móveis para enviar as fotos [para os parceiros da Asivikelane]. Eles utilizavam nossas fotos para pressionar o governo a melhorar nossa situação. Também andávamos pela comunidade para saber se as pessoas estavam satisfeitas com o nível dos serviços prestados. Muitos moradores reclamavam que os banheiros não eram bons e tinham um cheiro terrível.

Quando a prefeitura de Tshwane recebeu esses dados, começou a se engajar mais conosco e a

responsabilizar os prestadores de serviço. Depois disso, fizemos uma auditoria social e mostramos que os banheiros químicos que tínhamos aqui não funcionavam para nossa comunidade. Foi depois dessa auditoria social que a prefeitura trocou nossos banheiros. Eles trouxeram banheiros melhores e garantiram que fossem limpos toda semana. Instalaram alguns banheiros especiais para pessoas com necessidades especiais, que precisam de cadeiras de rodas. Depois, também instalaram redes de água. Mas esses serviços estão apenas na Seção A, a área que está sendo formalizada. Perguntamos a eles: por que não dar banheiros para as outras pessoas? E eles disseram que é porque essas áreas não são permanentes. Há um plano para desenvolver e formalizar quase todo o bairro de Phomolong, mas ainda estamos esperando, e isso não está acontecendo.

Priscila Izar: Então você diria que as condições de saneamento em Phomolong, pelo menos na Seção A, melhoraram durante a pandemia de COVID-19?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: As coisas estavam indo bem agora com a água e os banheiros químicos, mas com o lixo, estávamos tendo dificuldades.

Priscila Izar: Quando nos conhecemos, em 2022, havia vários lixões em Phomolong. Você estava procurando maneiras de limpar essas áreas. O que aconteceu?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Algo aconteceu durante a pandemia, que o lixo aumentou em todos os lugares. O manejo de resíduos não estava funcionando como deveria. Mesmo nas áreas formalizadas, naqueles enormes aterros, não estava funcionando. Então, as pessoas decidiram jogar lixo em qualquer lugar. Alguns decidiram começar a jogar lixo em Phomolong. E então, quando as pessoas daqui viram que outros estavam jogando lixo em Phomolong, elas também começaram a jogar. Nós também estávamos jogando. O lixo acumulou muito. Porque, antes da pandemia, não tínhamos lixões em Phomolong. Lembro que tínhamos um campo de futebol e um campo de netball para as crianças. Mas depois não tínhamos mais isso, precisávamos começar de novo. E então, quando eu chamava os caminhões de coleta de lixo, eles não vinham ou, quando vinham, eles não retiravam todo o lixo.

Eu queria que algo acontecesse em Phomolong porque as pessoas estavam ficando doentes com aqueles enormes lixões. Eu queria que vissem que nosso lugar não estava bom, estava muito sujo. Então, com a Asivikelane, começamos a focar no lixo. Tshwane se tornou um polo de manejo de resíduos para a Asivikelane, focando em Phomolong. Fomos convidadas para uma grande reunião com o gabinete do prefeito e o Departamento de Manejo de Resíduos. Então, eles disseram: ok, vamos sentar, nos dê ideias. Foi isso que disseram quando nos reunimos com eles. E disseram: vamos começar uma estratégia para tornar Phomolong um lugar livre de lixo. Mas eu era a única falando com eles. Então, eu disse: se vocês nos derem tempo e trabalharem conosco, verão que isso pode acontecer. Eu dei minhas ideias. Disse: eu vou trazer o meu próprio pessoal, e vocês podem começar a trabalhar conosco. Porque em Phomolong temos a TLF, temos a Planact. A TLF trouxe o Fundo de Emprego Social para pagar os voluntários por parte do trabalho comunitário. [O Fundo Social de Emprego - SEF - é um programa nacional que utiliza investimentos públicos diretos para apoiar oportunidades de emprego nos bairros].

Começamos a trabalhar na limpeza e eles viram que o que estávamos dizendo era verdade. E então eu ficava pressionando para que trouxessem os caminhões para remover o lixo. E quando os caminhões vinham, eu os pressionava para fazerem o trabalho direito. Se quisessem sair mais cedo, eu dizia: ok, tudo bem, vocês podem ir, mas eu vou ligar para o chefe de vocês. Então começou a funcionar. Começou a funcionar assim porque estávamos acompanhando aqueles caminhões. E

agora os motoristas de caminhão me conhecem também e não fazem mais o serviço pela metade.

Fizemos mais do que deveríamos com o lixo. Agora temos hortas e jardins, temos pessoas que estão reciclando. Fizemos muito desde que começamos a trabalhar com o lixo.

Priscila Izar: Como você relaciona o que está acontecendo hoje em Phomolong com os tempos da pandemia de COVID-19?

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Hoje, o que estamos fazendo em Phomolong não é mais relacionado com a COVID-19. É relacionado com serviços básicos em assentamentos informais. Mas, tudo isso começou quando a COVID começou, e eu não acho que a Prefeitura de Tshwane estaria trabalhando conosco ou querendo fazer o que está fazendo agora na comunidade de Phomolong, se isso não tivesse acontecido.

Priscila Izar: Muito obrigada, Petunia.

Petunia Ntombifuthi Mabuza: Obrigada, Priscila e Sandra [Professora Sandra Momm], por essa oportunidade de contar minha história.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado pela University of the Witwatersrand por uma bolsa de pós doutorado no Centre for Urbanism and Built Environment Studies (CUBES) e no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, bem como pela Urban Studies Foundation (International Seminar Series award) e a Volvo Research and Educational Foundations (Walking as a Mode of Transport research award).

REFERÊNCIAS

IZAR, Priscila. Peripheral feminisms: women's activism and struggle in Dar es Salaam's fast changing self-built territories, Gender, Place & Culture, 2025. DOI: 10.1080/0966369X.2025.2573353

IZAR, Priscila; SANTORO, Paula Freire; MBUYA, Elinorata. Feminilizando as lutas urbanas: corpos, territórios e políticas na produção de espaços periféricos. Relatório final. Johannesburg: University of the Witwatersrand, 2025. Disponível em: https://www.wits.ac.za/media/wits-university/faculties-and-schools/-engineering-and-the-built-environment/research-entities/cubes/documents/feminising-urban-struggles_report2025.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

RUBIN, Margot; CHARLTON, Sarah; HALLIGEY, Alex; IZAR, Priscila; NYITI, Albert. Inequality in Walking the 24 Hour City: Temporality, Intersectionality and the Embodied Experience in Dar es Salaam, Tshwane and Cardiff. [S. l.]: Cardiff University, 2025. E-book. Disponível em: https://www.cardiff.ac.uk/research/explore/find-a-project/view/2917666-walking-the-24-hour-city-temporality,-intersectionality-and-the-embodied-experience-in-dar-es-salaam,-tshwane-and-cardiff. Acesso em: 15 out. 2025.